

## Pat Garret & Billy the Kid. Conservação e Risco<sup>1</sup>

Jorge Mattar Villela

Professor Adjunto

Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

### Resumo

O ensaio que se segue leva a efeito a discussão do filme Pat Garret & Billy the Kid, do diretor Sam Peckinpah visando à reflexão de dois grandes caminhos percorridos pela vida em sua evolução criadora: imobilidade e segurança e mobilidade e risco. A tese, bem como os conceitos, são sobejamente conhecidas e foram desenvolvidos pelo filósofo francês Henri Bergson. A idéia geral é presidida pela história trágica de dois foras da lei cujas vidas foram atravessadas pela célebre “Guerra do Gado” decorrida no último quarto do século XIX, no estado norte americano do Novo México, no condado de Lincoln. O roteirista e o diretor do filme, baseados num livro do próprio Garret, mostram o momento em que este último escolhe a via da adaptação, do envelhecimento e da imobilidade, tornando-se um homem da lei. Doravante inimigo de Billy, Pat encara as suas novas opções em face de um oponente cuja via é a do risco, da mobilidade e da consciência.

Palavras-chave: Antropologia, western, vida, revolução.

### Abstract

#### *Billy The Kid and Pat Garret: Conservatism and risk*

This essay discusses the movie Pat Garret & Billy the Kid, directed by Sam Peckinpah, taking into account two great paths threshed by life in its Creative Evolution: imobility and security on the one hand, and mobility and risk, on the other. The main thesis, as well as the concepts, are wildly known and was developed by French philosopher Henri Bergson. The main argument is traced by the tragic story of two outlaws whose lives were crossed by the famous “Cattle War” in the New Mexico, at Lincoln county. The screenplay shows the moment when both men disrupt their friendship. Pat Garret chose the adaptive way, making himself elected sheriff of the county, while Billy keep his old fashioned way of live in movement against authorities. From then on Billy’s enemy, Pat faces his new options in face of an opponent whose live is that of risk, mobility and conscience.

Key words: Anthropology, western, life, revolution.

---

<sup>1</sup> Nota dos Editores: este artigo foi originalmente apresentado no II Seminário de Antropologia da UFSCar, realizado entre os dias 11 e 14 de novembro de 2013, na mesa redonda Revolta e Contracultura.

Gostaria de agradecer aos organizadores da mesa; precisava saber o nome da mesa, não sei mais onde procurar. Podia entrar como nota (mesa tal, evento qual) por me terem aceito e terem aceito a proposta feita pelo professor Piero Leirner. Uma proposta que eu aceitei por vaidade e que os organizadores aceitaram por generosidade baseada na ideia primeira lançada por meu vizinho de apresentação, o professor Amir Geiger, de montar uma conversa sobre Contra-Cultura.<sup>2</sup>

Essa apresentação, agora publicada sob a forma de ensaio, visa estabelecer ligações entre alguns temas do filme *Pat Garret & Billy, the Kid*, dirigido por Sam Peckinpah. A primeira versão do filme, do roteiro e da montagem, data de 1973. O roteiro foi escrito por Rudolph Wurlitzer e reescrito pelo diretor para a versão de 1976.

A rigor, existem quatro montagens do filme, embora, até onde vão os meus conhecimentos, apenas duas, a de 1973 e a de 1976 (uma espécie de “versão do diretor”) sejam acessíveis ao grande público.

Apesar desses dados sumarizados acima, esta apresentação isola um par de temáticas que dizem respeito a políticas existenciais, correspondentes ao que será dito adiante concernente a uma tese do filósofo francês Henri Bergson. Para levar esse critério às últimas consequências, em virtude dos meus próprios interesses e da limitação de tempo de uma apresentação em mesa redonda, que deu origem a este ensaio, deixei de fora vários aspectos decerto interessantes: os cênicos, os de interpretação, os de profundidade dos personagens. Todos muito discutidos e criticados nos EUA.<sup>3</sup>

Deixei de fora, não sem um certo pesar, a lindíssima trilha sonora composta por Bob Dylan, sendo que uma das músicas, *Knocking on Heavens Door*, tornou-se um clássico do folk rock.

As questões que geraram este texto partem de apenas um aspecto que me parece insistentemente sublinhado no filme e que eu gostaria de sintetizar por meio da leitura de um trecho de uma conferência proferida pelo filósofo francês Henri Bergson, na Universidade de Birmingham, 62 anos antes do lançamento do filme (a tradução é minha):

Quer a encaremos no começo ou ao cabo de sua evolução, a vida é sempre um duplo trabalho de acumulação lenta e gasto brusco: trata-se para ela de fazer a matéria armazenar, por meio de uma operação lenta e difícil, uma energia potencial que se tornará de um golpe energia de movimento. Ora, como procederia de outro modo uma causa livre, incapaz de quebrar a necessidade à qual a matéria está submetida,

---

<sup>2</sup> Gostaria também de agradecer ao meu colega Messias Basques por ter disponibilizado os arquivos digitais dos diálogos do filme. Não custará acrescentar que o texto que se segue é a reprodução do que foi dito, não havendo entre o dito e escrito nenhuma alteração substantiva.

<sup>3</sup> Por ter escolhido o formato de ensaio antes que o de artigo, considero-me livre de citar autores e de precisar os debates que eventualmente aparecerão ao longo do texto. Há uma longa lista de referências bibliográficas que qualquer interessado poderá encontrar na internet. Por ter escolhido este formato, abri mão de divisões do texto pois considero que o seu estado de confusão colabora para enfatizar as íntimas relações entre modo de vida, a teoria bergsoniana e a alegoria criada por Peckinpah. A leitura inteligente e ácida feita por meu amigo, o historiador Raul Goiana foi fundamental para a reafirmação do estilo ensaístico.

capaz, no entanto, de fletí-la, e que quererá, com a mínima influência da qual dispõe sobre a matéria, obter dela, numa direção cada vez mais bem escolhida, movimentos cada vez mais poderosos... utilizando uma energia que a matéria acumulou durante todo o tempo que se fez necessário.

Porque, para que a matéria viva, cresça e evolua duas vias se abrem a ela. Ela pode se orientar no sentido do movimento e da ação – movimento cada vez mais eficaz, ação mais e mais livre: isto é o risco e a aventura, mas é também a consciência, com seus graus crescentes de profundidade e intensidade. Ela pode, ao contrário, abandonar a faculdade de agir e escolher que ela carrega em si, em forma de esboço, arranjar-se para obter, parada, o que lhe é necessário em lugar de ir procurar: é a existência segura, tranquila, burguesa, mas é também o torpor, primeiro efeito da imobilidade... e a inconsciência.

Enfim, este é o ponto que, segundo me parece, é o crucial em *Pat Garret & Billy the Kid*, sobre o qual passarei a falar. Um problema que é a vida e que transcrevo para uma questão da política da existência. Para insistir com Bergson, a vida coloca problemas de um modo que eles já trazem as suas soluções. Eles não se solucionam pela liberdade de escolha. As vias liberadas pela “evolução criadora” muitas vezes abrem agulhas, como nas vias férreas, em que um caminho diverge lentamente do outro, correndo paralelamente, ambos, para diferirem radicalmente ao longo do tempo.

Esse esquema de diferenciação e mistura é mesmo o trilho sobre o qual correm as vidas dos protagonistas do filme e de alguns outros personagens secundários. *Pat Garret & Billy the Kid* é um caminho de diversas possibilidades. Em primeiro lugar, é um aglomerado de justas que se misturam umas às outras, que se desfiam em algumas sequências do filme. O roteiro é baseado na história de dois fora-da-lei do Novo México, de Santa Fé, condado de Lincoln, no momento imediatamente posterior à célebre Guerra do Gado, que opôs o mega-rancheiro John Chisum ao advogado e comerciante James Dolan. Essa guerra fez recrutar e trazer de outras regiões dezenas de pistoleiros, cowboys armados e, coextensivamente, a lei e seu executores, que foram, como de costume, arregimentados por uma das partes da contenda. Pat Garret e Billy the Kid, que eram assaltantes e ladrões de cavalos, lutaram quer de um lado, quer de outro. E o fim da guerra os fez aliados durante algum tempo. A esse fundo histórico, a figura do roteiro não faz senão umas poucas referências ou alusões, como quem conversa com um interlocutor que conhece previamente o assunto; a quem, enfim, nada é preciso explicar.

O filme trata da separação de Pat e Billy, cada um de um lado da lei. A lei, essa coisa engraçada, como diz Billy em certo momento do filme, que um dia, quando lutava contra Chisum, fez de Garret um fora-da-lei. As primeiras sequências do filme são, quase em simultaneidade, o princípio da diferença e o seu resultado final. Uma separação sob a forma de uma agulha os mantém juntos, embora separados no território e em lados distintos do combate. Pat e Billy partilham de uma das vias assumidas pela vida. Uma via da qual o futuro xerife Patrick J. Garret está prestes a diferir.

Pat Garret fora eleito xerife do condado, encarregado de expulsar ou matar Billy e seu bando. Primeira grande temática, então, a amizade rompida. Um tema já enfrentado por Peckinpah em um filme anterior, outro western, chamado *Wild Bunch*. Um filme célebre pela sequência final, até então a de maior número de quadros por minuto na história do cinema. Um tiroteio em que todos os participantes morrem. Morrem os membros do *bando selvagem*, movidos pela vergonha que os mataria em vida: a covardia de abandonar um dos seus à mercê da sanha sanguinária de um chefe local do exército mexicano.

Esse tema da amizade rompida está presente num dos raros diálogos entre os protagonistas do filme de 1973, mas também na versão de 1976: Pat comunica a Billy que o eleitorado quer que ele parta. “Mas eles estão me pedindo ou me mandando?”, pergunta Billy. “Eu estou pedindo. Mas em cinco dias eu vou te obrigar. É quando assumo o cargo de xerife de Lincoln”, diz Pat. “Velho Pat. Ao xerife Pat Garret, vendido para Aliança de Santa Fé”, ou, no roteiro original, filmado em 1976, “vendido para Chisum e para os bancos”. Billy ergue um brinde ao velho amigo. E pergunta em seguida: “Como você se sente?”. E recebe como resposta: “Eu me sinto como se os tempos estivessem mudando”. “Os tempos, talvez”, retruca Billy, “mas não eu”.

A “Aliança de Santa Fé” (*Santa Fé Ring*), não custa abrir um parêntese a esse respeito, era um grupo formado por advogados e especuladores fundiários cujo poder de julgar, incriminar, dissuadir, assassinar e tornar legal todo tipo de crime dominou o estado do Novo México entre o final do século XIX e o início do XX, quando do assassinato de Pat Garret. Esse era o eixo das críticas dos antigos amigos de Pat. Voltar as costas às antigas alianças, vender-se, estar em companhia desse tipo de gente, fazer concessões e acordos.

Amizade rompida em função da modificação do território, em função do acirramento das leis que apoiavam o interesse comercial que é representado pelo governador do estado, pelos grandes rancheiros e pelos barões do comércio. Gente com a qual Pat terá de conviver doravante. Gente que o repugna, com a qual não conviveria não fosse a sua adesão às vias da conservação, da imobilidade, do envelhecimento. Repulsa expressa por Billy no momento de sua prisão: “you are in poor company”, Pat. Ao que Garret responde, enfatizando a sua escolha pela conservação, “Yeah, but I’m alive, though”. Mas Billy reproduz a pergunta de Richard Deshayes, redigida num texto interrompido pela explosão de uma granada sobre a qual Deshayes teria se lançado: “sobreviver, é isso que queremos?”.

Isso é o que Pat deseja. Um desejo que declara amplamente como justificativa das suas ações, percepções e concepções. Envelhecer, desacionar a sua consciência, como deixa muito claro o que diz a um de seus velhos companheiros: “chega uma hora em que um homem já não quer [ou não pode mais] saber o que acontecerá a seguir”. A função da consciência em Bergson, não custará lembrar, é lidar com o que virá imediatamente, com o futuro iminente e com o presente imediato, baseada que está num passado que não para de crescer indefinidamente às expensas do presente. Pat abriu mão

da mobilidade, da aventura e do risco, escolhendo o torpor e a inconsciência. Tornando-se o que Billy pretendia evitar ao negar-se a fugir para o México, onde seria, como diz um de seus parceiros, mais um gringo velho e bêbado, cagando chilli e esperando por nada.

Abrir mão, decidir, querer, escolher, são todas palavras imprecisas, decerto. Elas remetem a uma liberdade, para usar os argumentos de um outro filósofo, Espinoza, que é uma ilusão da consciência quando vítima da imaginação. Pat Garret apenas segue uma solução para um problema. O território está mudando. A essas mudanças oferecem-se diversas soluções, mas não muitas. "You guys are playing a losing game", diz aos companheiros de Billy um dos ajudantes do futuro xerife de Lincoln. Seguir a antiga solução, a da luta contra a lei e as autoridades, é fadar-se à extinção, segundo sua avaliação. A avaliação, como dirá sobre si mesmo a Billy, de um homenzinho com um trabalho a fazer. Aderir aos novos tempos é a solução da segurança e do conforto. Mas também a do envelhecimento, da tristeza, da imobilidade e do torpor. Ambos, Pat e seu ajudante, estão prontos a pagar esse preço. Billy e seus comparsas declaram não poder acompanhá-los.

Garret pode, embora Garret revele-se entristecido e envergonhado por sua escolha, talvez motivado pelo contraste da repugnante presença de John W. Poe, o *deputy* nomeado para acompanhá-lo na caçada a Billy, na limpeza do território, nas possibilidades abertas pelos novos empreendimentos. Poe é o anti-Billy. É simultaneamente o Pat do amanhã imediato, o Pat do dia seguinte, do instante seguinte à morte de Billy. Mas Poe é precisamente o modo de vida que Pat, esse personagem trágico, rejeita. É a imagem que Pat prefere não ver e reconhecer. A vergonha de si mesmo, da nova imagem de si mesmo, o faz atirar em seu reflexo no espelho, logo após matar seu antigo companheiro. Ali, Pat mata duas figuras simultaneamente. Mata o Poe que o habita, que o domina. Mas aniquila também o seu passado, o homem de ação, o aliado de Billy, o homem da aventura, do dispêndio, do gasto brusco. O que lhe sobra é a vergonha, eles nos diz claramente em 1910, momentos antes da emboscada que sofreu; a boca saburra e a vida oprobriosa convivendo lado a lado, a convivência ignominiosa a discutir sobre propriedade fundiária, sobre a lei, a recordação abjeta dos pactos vis que havia feito com Chisum e com os banqueiros invadindo-lhe uma consciência doravante povoada de traços e imagens. A lembrança, esses traços que emergem, disse um dia Bergson, de contrabando pela porta entreaberta de uma consciência que se esforça em recalá-las. E que surgem em grande número sempre que a consciência relaxa a sua prontidão, que afrouxa a sua patrulha, como no sonho e na velhice. E, no envelhecimento e na trapaça, Pat só encontra a morte. A sua vida segura é capaz, quando muito, de assegurar a existência de uma consciência: a má consciência, repleta de traços, de arrependimentos e de culpa. Repleta e portanto incapaz de preparar-se para a ação, para a apreciação do instante que se segue.

Num jantar em que se alude à presença da cúpula da Aliança de Santa Fé, o governador do estado disserta sobre o futuro da região: "este território é vasto e primitivo. Há dinheiro aqui,

investimentos crescentes e interesses políticos. Devemos proteger estes investimentos”. É a vergonha de estar a serviço desses compromissos, desses interesses, que faz Garret dar tempo a Billy, que faz Garret desejar que Billy viva, já que ele, Pat, ruma já ao torpor. Como observa a senhora Garret, entre a vergonha das atitudes de seu marido (“meu povo já não fala comigo”, ela lhe conta) e a constatação de que ele “está morto por dentro”. O asco e a repulsa que Poe desperta em Pat revelam-se desde o primeiro encontro e são explicitadas no seguinte diálogo:

Poe: “O condado precisa escolher. Acabou o tempo dos bandidos e foras da lei e dos pobretões”. E Pat responde: “Eu vou te dizer isso uma vez e espero não ter de repetir. Esse lugar está envelhecendo e eu quero envelhecer com ele. Agora, Billy não quer assim. Ele deve ser um homem melhor para isso. Não estou julgando. Mas não quero que me expliques nada. Não te quero dizendo nada sobre ele e sobre mais ninguém em meu maldito condado”.

Pat Garret, doravante um homem casado, com residência fixa, quer envelhecer, embora a possibilidade aberta por Billy, sua resistência, a beleza de sua juventude e de seu frescor ainda o defendam contra o veneno que suas novas alianças inoculam em sua existência. A velhice, de resto, ter envelhecido, melhor ainda, é uma crítica que lhe fazem diversas vezes. “Ótimo tiro, principalmente para um velho casado”, diz Billy num dos primeiros diálogos do filme. O próprio Pat lamenta a sua sorte quando hesita tristemente diante do pequeno portão da casa onde a Sra. Garret o aguarda para jantar. Para retomar Deshayes, não são os velhos o alvo da abjeção, é o que os faz envelhecer, o que os faz se fixar, o que os arrasta para a imobilidade.

Porque, como diz o velho xerife que morre lentamente com uma bala no ventre ao som de *Knocking on Heavens Door*, à beira de um lago sob o olhar de sua mulher, uma índia mexicana, é preferível tornar-se um fora-da-lei do que se aliar a Chisum e aos banqueiros. Porque, para retomar ainda uma vez Deshayes, se a lei conduz ao envelhecimento, é preciso rejeitá-la e reconhecer que toda juventude é fora da lei. Se a lei é o que conduz à espera, aos braços cruzados, que leva ao torpor e à inconsciência, que permite que os canalhas nos governem, que os policiais no controlem, que os patrões nos explorem, é preciso rejeitar veementemente a lei. “Aos cumpridores das leis”, diz Espinoza no *Tratado teológico político*, “prometeram-lhes... aquilo que mais ama o vulgo, enquanto que a seus infratores os ameaçaram com o que mais temem”. A lei, essa encomenda monárquica, dirá Foucault, é a forma de se “sujeitar o vulgo como a um cavalo com um freio”, segue Espinoza. Lei, completa ele, é “um modo de vida que é imposta aos homens por mandato de outros”. Consequentemente, “os que obedecem às leis vivem (...) sob a lei e parecem seus escravos”. Será preciso rejeitar, ou, como diz Isabelle Stengers, é preciso “cultivar a deslealdade em relação aos que nos governam”. Ao menos é esse o recado que Pat Garret, o homem envelhecido e casado, ouve de vários de seus antigos parceiros e amigos.

Envelhecido, cansado, desistente, trapaceiro, covarde, é com essas palavras que os personagens que Pat vai encontrando em seu caminho o enxovalham sem réplica possível. Garret sabe que segue a via do torpor e da sobrevivência. Sabe que precisa doravante recolher o que lhe é necessário sem ir buscar. No lugar do butim, o imposto. No lugar dos cavalos, as charretes. No lugar do campo aberto, a cerca. No lugar do movimento, a inconsciência.

Mas em 1881, Pat precisa ainda da mobilidade e da vida. O animal prepara o terreno para que a árvore lance as suas raízes. Uma mariposa nostálgica do casulo, ele precisa ainda de suas asas para reentrar em sua cápsula. A exemplo de Billy, Pat quase não come. Ao longo de todo o filme, o primeiro come uma colherada de feijão e uma lasca de torta; o segundo, uma dentada numa coxa de galinha e uma fina fatia de bacon torrado. Bebem, no entanto, muito. No caso de Billy, o acúmulo lento da pilhagem é despendido abruptamente em festas e orgias. "Are you guys having a fiesta here?", perguntou Pat ao chegar ao velho Fort Sumner enquanto o bando divertia-se atirando nas cabeças das galinhas vivas enterradas até o pescoço. Não, nós vivemos sempre assim, recebe a frase como resposta e a seguinte pergunta: "It's gotta be pretty hard to turn your back on all that, isn't it?".

Esse homem, seu amigo, a quem Billy se recusa a matar quando tem a possibilidade, ele reconhece, no entanto, não é mais o mesmo homem. Assim como os seus ajudantes, vários deles antigos companheiros de assalto e pilhagem. "I never figured you for the Law either", diz Billy a Pat. E recebe a justificativa da conservação: "It's just a way of staying alive". E conclui: "And I aim to live to be rich, old and grey".

Sobrevivência e adaptação contra o risco do movimento e da resistência. Diversos outros personagens declaram a sua resistência aos novos tempos que deformam as tramas vividas e revividas no território. Que desmancham, por conta de anseios e ambições exóticos e exógenos, as existências formadas pela alegria do combate. Que substituem o roubo pelo comércio, a dívida pela troca, a palavra pelo contrato e pela lei.

Partir, deixar o território é a alternativa adotada por vários deles. Inclusive por Billy em certo momento do filme. "You can live anywhere. Depends on who you are", assevera Alias, Vulgo, apenas Vulgo,<sup>4</sup> o personagem de Bob Dylan, acrescentando que uma estadia no México não seria mal, pois ofereceria a Pat a possibilidade de não ter de persegui-lo e matá-lo. Pois, como Billy e Alias constataram, assim como Poe e os investidores comerciais, Pat fazia o possível para dar a Billy a possibilidade de retirar-se do território.

Billy, que rejeitava a ideia de partir, enfim, rumou para o México. E é então que se encontra com outro ex-fora da lei doravante a serviço de Pat: Alamosa Bill. Esse encontro nos revela, outra vez, o dilema da vida e da sobrevivência; e da impossibilidade da livre escolha. Mas sublinha o problema do guerreiro concernente à memória, à morte em combate e ao envelhecimento. Ao se depararem um

---

<sup>4</sup> - What's your name? – Alias. – Alias what? – Alias whatever you please. – Then, Just alias. – So, Alias it is!

diante do outro, o ladrão e o distintivo, os dois homens sabem que apenas um duelo pode repor as forças, agora em desequilíbrio, em seu devido lugar. Ambos recusam a sobrevivência em favor do modo como serão lembrados. Ambos perguntam-se, em dois momentos, se não haveria outra forma de resolverem o problema. Não havia. Alternadamente, um pergunta ao outro: “You ain’t thought of another way, have you?”. Não, eles não tinham outro meio. A não ser que seguissem a via da adaptação, da imobilidade, da sobrevivência e, conseqüentemente, da infâmia. E Alamosa Bill, após ser baleado numa justa de dez passos, às portas da morte, diz a Billy: “ao menos eu serei lembrado”. Eles preferem, diria talvez Jean-Pierre Vernant, a *kléos áphthiton* à *léthé*, a glória imortal ao esquecimento.

Após triunfar no duelo, antes de cruzar a fronteira, Billy the Kid depara-se com um bando de pistoleiros a serviço de Chisum torturando um de seus companheiros, um velho mexicano que se decidira pela migração e que assistia ao estupro de sua filha, ao mesmo tempo em que era impiedosamente açoitado. Billy mata todos os inimigos e resolve voltar para o Novo México. Constata o seu equívoco, mantém-se em movimento, afirma o seu conflito contra a lei que tortura e estupra, contra as autoridades, contra os banqueiros, contra o governador, contra os investidores, contra a ferrovia; contra todas as fantasmagorias que assombram o território, que fazem fugir os homens e as mulheres que ali mobilizavam o que lhes estava disponível. Billy está em guerra contra todos os que pretendiam substituir e confundir a vida com a sobrevivência. Billy é o homem que esclarece e que sublinha, categoricamente, que viver não é sobreviver.

Billy rejeita o desalojamento que a apropriação mercantil do território lhe impõe. Rejeita a desterritorialização promovida pelos banqueiros, pelos senhores da terra e interessados na guerra, nas artimanhas da política, na captura pela Lei. Billy, o homem da segunda função, é o triplo pecador do ponto de vista da civilização: pecador contra a lei dos homens, pecador contra os princípios do capital, pecador contra as exigências da adaptação, da imobilidade e do torpor.

*Pat Garret & Billy the Kid* foi dirigido por Sam Peckinpah, o diretor que “sempre me empurrou para o abismo. E saltou sempre atrás de mim”, disse um dos atores com quem trabalhou. Sam Peckinpah morreu aos 59 anos e, segundo seus próximos, parecia vinte anos mais velho. De acordo com depoimentos dos amigos, Peckinpah viveu no limite de suas forças. Despendeu bruscamente a energia acumulada na matéria durante todo o tempo necessário.

De alguma forma que me é difícil precisar, mas que talvez seja mesmo necessário permanecer difusa, a vida de Sam Peckinpah e seu *Pat Garret & Billy the Kid* falam de nós; desse tempo que é o nosso, dessa nossa contemporaneidade. Dessa contemporaneidade em que assistimos às maiores trapanças, às alianças mais surpreendentes. Em que testemunhamos gente deixando tudo para trás em nome da sobrevivência, assim como fez Pat Garret. Em que todas as forças se voltam para a conservação e para a acumulação. Em que se tende a desapossar e desalojar as possibilidades de vida



e de existência. Em que se pretende transformar o planeta num território proibido para os pobretões e foras da lei, como queria J. W. Poe. Em que se planeja reduzir os modos de vida ao seu grau mais baixo de intensidade.

Será preciso seguir uma das vias. Pois ambas estão disponíveis. É preciso saber se, como Richard Deshayes, desejamos uma emancipação coletiva ou se pretendemos continuar mais “600 anos vivendo os nossos contratos individuais e individualizantes”. Talvez, desde há décadas, tenhamos raramente vivido um momento em que as oportunidades estejam dadas como no presente, neste presente. E não custa notar: sempre em que elas se apresentam com mais vigor, mais ferozes tornam-se os homens da lei, da autoridade, do envelhecimento. Tanto mais quantidade de liberação existe, mais raivosos tornam-se os escravos, os tiranos e os sacerdotes. Porque Peckinpah fala para nós desde os anos 1970, usando uma alegoria do século XIX. Mas talvez ele fale para todos os tempos, para toda a eternidade.

Para falar como Bergson, e concluir a minha breve participação neste belo evento, Billy e Pat trilham as duas vias possíveis diante das quais a vida se desenvolveu. A das possibilidades do espírito, a da evolução criadora, por um lado. Por outro, a da adaptação orgânica. Espírito e organismo, dois caminhos possíveis. A subserviência à matéria e à reprodução simples. A criação de formas novas. Para Bergson, parece-me, nunca a criação esteve tão à disposição de uma forma de vida como no homem. Sabemos, no entanto, o que fizemos dela. O humano que se construiu para nós, ao menos desde há três séculos, sabemos que caminho preferiu trilhar. Será preciso descobrir se é desejável que construamos novas armas, com a matéria e com os conceitos, para abandonar esta grande via e seguirmos pelas veredas, cheias de risco, mas também de movimento e consciência.

Uma questão resta ainda. Uma dúvida a ser tirada antes que eu agradeça a bondade e a paciência de me terem ouvido. Por que é que puseram uma fala como essa que acabei de fazer num evento de antropologia? Preciso reconhecer que, para além da simpatia, da generosidade e da gentileza dos organizadores, não me sinto capaz de explicar. Mas se me perguntarem o motivo pelo qual eu compus um texto como esse para ser dito num evento de antropologia, eu intuiria o seguinte: gosto de pensar que a antropologia pode ser uma arma interessante e completamente original de luta. Ela pode se transformar esporadicamente, não importa onde e nem sob que circunstâncias, numa força que incomoda e envergonha a tolice; como um dia o fez uma certa filosofia. Mais ainda do que isso, em certos casos, ela pode se transformar numa máquina antienvelhecimento que se põe em movimento contra os mais diversos aparelhos de conservação e de resignação, apática ou entusiasta, para usar o esquema de Stengers. Essa seria, para insistir ainda uma última vez no vocabulário deleuziano, uma grande traição.

Recebido em 31/03/2014  
Aprovado em 03/06/2014